

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE FARMÁCIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DE ALIMENTOS (PGALI)



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE GRADUAÇÃO

PLANO DE ENSINO-APRENDIZAGEM
DO COMPONENTE CURRICULAR

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO E ATRIBUTOS

| CÓDIGO | | | NOME | DEPARTAMENTO OU EQUIVALENTE |
|---------------------------|---|------------|-----------------------------------|-----------------------------|
| FARA XX | | | TUTORIA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA I | PGALI |
| CARGA HORÁRIA (estudante) | | | MODALIDADE/ SUBMODALIDADE | PRÉ-REQUISITO (POR CURSO) |
| T | P | TOTAL | - | Não há pré-requisito |
| 51 | - | 0 créditos | | |

EMENTA

O discente de doutorado deve participar como tutor de alunos por meio do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica da UFBA com chamada anual, na modalidade IC, IT ou AF (Ações Afirmativas/UFBA) da Graduação ou do Ensino Médio, ou de voluntários tanto da graduação como do ensino médio e fundamental. O trabalho desenvolvido pelo aluno de iniciação científica deve ser relativo à temática do projeto do doutorando. Nessa atividade o aluno de doutorado deverá co-orientar um aluno de iniciação científica. Essa atividade visa dar ao aluno de doutorado experiência preliminar em orientação e formação de recursos humanos, assim como, valorizar o trabalho em equipe. A conclusão semestral da atividade ocorre mediante a apresentação por parte do aluno de iniciação científica do relatório das atividades, e final de um trabalho em congresso da área. Nesta atividade os alunos de doutorado deverão também ministrar um mínimo de 17 horas de aulas, palestras, seminários, cursos ou atividades práticas em escolas públicas do ensino médio e fundamental, sobre temas atuais relacionados ao seu projeto ou do grupo de pesquisa, buscando incentivar a iniciação científica junior. Também poderá ser realizado apoio as atividades de pesquisas de feiras de ciências das escolas, mesas-redondas, sessões coordenadas, comunicações, organização de visitas dos alunos aos laboratórios da UFBA, entre outras.

OBJETIVOS

Contribuir para a desenvolvimento de estudantes do ensino fundamental, médio e profissional da Rede Pública, e de graduação da UFBA, estimulando a formação de cidadãos plenos, conscientes e participativos; e contribuir para despertar a vocação científica e o incentivo a talentos potenciais, mediante participação do doutorando de Programa PGALi em atividades de educação científica e/ou tecnológica orientadas, ao mesmo tempo em que adquire experiência preliminar em orientação e formação de recursos humanos, e valoriza o trabalho em equipe.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

Com relação a tutoria de IC ou IT de aluno de graduação, o conteúdo programático será desenvolvido com o aluno de iniciação científica e orientador de acordo com o projeto de doutorado, na elaboração do projeto de IC ou IT que sera submetido ao Edital do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica da UFBA que é lançado anualmente. Quanto as atividades junto a escolas públicas do ensino médio e fundamental, o doutorando deve propor um projeto de implementação das atividades a serem desenvolvidas e o orientador aprovar.

METODOLOGIA DE ENSINO-APRENDIZAGEM

Tanto a tutoria de IC ou IT como as atividades junto as escolas do ensino médio e fundamental devem ser supervisionadas pela orientador do doutorando, por meio de planejamento conjunto.

AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM

Relatórios das atividades desenvolvidas pelo doutorando. O orientador deve aprovar ou reprovar a atividade do doutorando.

REFERÊNCIAS

- Bibliografia atual referente ao assunto a ser desenvolvido com o aluno de Iniciação Científica de acordo com o projeto de doutorado.
- Trabalhos originais atuais publicados em revistas indexadas de circulação nacional e internacional.
- BALBACHEVSKY, E. Pesquisa, iniciação científica e produção institucionalizada: perspectivas para os estabelecimentos não-universitários privados do Brasil. Estudos, Brasília, ABMES, v. 16, n. 23, p. 43-50, 1998.
- BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: LDFB nº. 9.394 de 20 de dezembro de 1996. Brasília/ DF: Poder Legislativo, 1996.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: Ciências Naturais/ Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997.
- CARVALHO, A. M. P.; GIL-PÉREZ, D. Formação de Professores de Ciências: tendências e inovações. SP: Cortez, 2001.
- CARVALHO, A. M. P. (Orgs.). Ensinar a ensinar: Didática para a escola fundamental e média. SP: Cengage Learning, 2013.
- FAVA-DE-MORAES, F.; FAVA, M. A iniciação científica: muitas vantagens e poucos riscos. São Paulo Perspec. [online]. 2000, v.14, n.1, p. 73-77.
- GODOY, E. G. U. Contribuições da Metodologia de Projetos na implantação das Tecnologias de Informação e Comunicação nos processos educativos da Educação Básica. Dissertação de Mestrado, CEFET-MG, 2009.
- MACIEL, A. da S.; MAZZILLI, S. Indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão: percursos de um princípio constitucional. Anais da 33ª Reunião Anual da ANPEd, Caxambu, 2010.
- MOURA, D. G. - Feiras de Ciências: Necessidade de novas diretrizes. Belo Horizonte: Dimensão, n.6,1995. <http://www.tecnologiadeprojetos.com.br/>
- MOURA, D. G.; BARBOSA, E. F. Trabalhando com Projetos – Planejamento e Gestão de Projetos Educacionais, Ed. Vozes, 4ª. Edição, Petrópolis-RJ, 2008.
- PIRES, R. C. M. A formação inicial do professor pesquisador universitário no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica – PIBIC/CNPq e a prática profissional de seus egressos: um estudo de caso na Universidade do Estado da Bahia. Porto Alegre, 2008. 355 f. Tese (Doutorado) – UFRGS, Faculdade de Educação. Programa de PósGraduação em Educação.
- PORTILHO, E.; ALMEIDA, S. Avaliando a aprendizagem e o ensino com pesquisa no Ensino Médio. Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação. Rio de Janeiro: SciELO, v.16, n.60, jul./set., 2008.
- ULHÔA, E. G. A formação do aluno pesquisador, Educação & Tecnologia, n.2, 2008.
- WANDERLEY, E. C. Feiras de ciências enquanto espaço pedagógico para aprendizagens múltiplas, dissertação de mestrado, CEFET-MG, 1999.
- DEMO, P. O Educador e a Prática da Pesquisa. Ribeirão Preto-SP: Alfabeta, 2010.
- FURMAN, M. O ensino de Ciência no Ensino Fundamental: colocando as pedras fundacionais do pensamento científico. São Paulo: Sangari Brasil, 2009.
- JAPIASSU, H. A Revolução científica moderna. Rio de Janeiro: Imago, 1985.
- KUHN, T. S. A. Estrutura das revoluções científicas. Tradução de Beatriz V. Boeira e Nelson Boeira. 8ª ed. SP: Perspectiva, 2003.
- OLIVEIRA, J. B. A. Ilhas de competência: carreiras científicas no Brasil. São Paulo: Brasiliense; Brasília: CNPq. 1985.
- PONTELO, I. MOREIRA, A. F. A teoria da atividade como referencial de análise de práticas educativas. In: Seminário Nacional de Educação Profissional e Tecnológica, Belo Horizonte, 1., 2008.
- POPPER, K. R. A lógica da pesquisa científica. São Paulo: Cultrix, 1972.
- PORTAL CAPES. Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica – PIBIC.
- PORTAL REVISTA NOVA ESCOLA. O que ensinar em Ciências. Disponível em . Acessado em: 08 de Jan. de 2015.
- RAMOS, L. da S.; ANTUNES, F.; SILVA, L. H. de A. Concepções de professores de Ciências sobre o ensino de Ciências. In: Revista da SBEnBio, Número 03. Outubro de 2010. p. 1666-1674.
- SILVA, E. L. da. Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação. 4 ed. rev. atual. – Florianópolis: UFSC, 2005.
- TODOS PELA EDUCAÇÃO. MEC começa a avaliar o ensino de ciências. Disponível em . Acessado em: 02 de jan. de 2015.